



# A História do Atum Patudo do Atlântico

São urgentemente necessários controlos melhorados para travar o rápido declínio desta espécie

## Resumo

Tudo o que o Atum patudo do Atlântico (*Thunnus obesus*) faz, fá-lo depressa. Estes atuns atingem a maturidade sexual em apenas dois a três anos e, nesse espaço de tempo, crescem de um tamanho suficientemente pequeno para passarem pelo buraco de uma agulha até um peso superior a 180 kg. São predadores formidáveis, capazes de ultrapassar, apanhar e comer praticamente qualquer coisa que consigam meter na boca. Contudo, o seu tamanho considerável faz deles alvos preferenciais das frotas de pesca de atum em todo o mundo.

A pesca de patudo do Atlântico vale milhões de euros por ano para os pescadores e cerca de 700 milhões de euros por ano no ponto de venda final.<sup>1</sup> O patudo sustenta uma das pescarias mais valiosas no oceano Atlântico, alimentando não só o significativo mercado do atum enlatado, mas também a procura de atum fresco de alta qualidade. No entanto, anos de sobrepesca, o declínio recente da população e práticas de pesca arriscadas ameaçam a viabilidade e a rentabilidade a longo prazo das pescarias de patudo. As boas notícias para o patudo e para o sector são que a recuperação pode ser relativamente rápida, em grande medida devido a este atum crescer tão depressa.

Há dois anos, uma análise de desempenho independente realizada para a Comissão Internacional para a Conservação dos Tunídeos do Atlântico (CICTA) — o organismo intergovernamental que supervisiona a gestão do patudo — apelou para que a CICTA fizesse da sua recuperação uma «prioridade de gestão chave e imediata»<sup>2</sup> A análise apontou fragilidades na gestão do patudo e recomendou que a quota «fosse mais reduzida para aumentar a probabilidade de recuperação num período mais curto».

No entanto, a CICTA não seguiu os pareceres do painel e não adotou as reduções de quota necessárias para dar a esta unidade populacional mais do que uma possibilidade incerta de recuperação. Esta abordagem remete para a controversa gestão do atum rabilo pela CICTA nas últimas décadas. A Comissão não estabeleceu quotas para o rabilo em conformidade com os pareceres científicos até 2009, depois de uma análise de desempenho independente ter considerado a CICTA uma «desgraça internacional».<sup>3</sup> Nessa altura, a reputação da CICTA estava manchada e os pescadores enfrentavam uma potencial proibição internacional da comercialização de rabilo do Atlântico.

Este ano, os gestores das pescas têm de decidir se pretendem ir pelo mesmo caminho com o patudo do Atlântico ou se vão honrar o seu compromisso para com uma gestão precaucionária e baseada na ciência.

## **Crescimento da pescaria, declínio da unidade populacional.**

A pesca do patudo do Atlântico teve origens humildes nas ilhas da Madeira e dos Açores, ambas regiões autónomas de Portugal. Em 1950, alguns pescadores de salto e vara portugueses eram os únicos a procurar especificamente o patudo do Atlântico, fazendo uma captura de 808 toneladas nesse ano.<sup>4</sup> Em 1994, a captura de patudo do Atlântico atingiu o pico de 135.000 toneladas, com dezenas de países a procurar esta espécie com diversos tipos de artes de pesca.<sup>5</sup>

Palangreiros do Japão, seguidos por palangreiros do Taiwan, Província da China, e da Coreia do Sul, lideraram o crescimento inicial da pescaria, procurando patudo do Atlântico adulto sobretudo para os mercados do sushi e sashimi. Mas a partir da década de 1990, a captura de patudo juvenil aumentou, à medida que cercadoras com rede de cerco com retenida, destinadas à captura do bonito, aumentaram a utilização de dispositivos de concentração de peixes (DCP) com localização por satélite, que atraem patudos juvenis para além dos bonitos adultos. (Ver abaixo.)

### **Conflitos entre os interesses das cercadoras e os palangreiros comprometem a conservação do patudo**

As frotas de cercadoras, que utilizam redes gigantescas, apoiam-se cada vez mais em dispositivos de concentração dos peixes para capturar grandes quantidades de bonito. Mas os patudos juvenis também se concentram em torno desses DCP, formando cardumes com múltiplas espécies de peixes com tamanho semelhante. Isto significa que a pesca de bonito com DCP está a levar a um aumento da captura e a uma redução do tamanho médio do patudo do Atlântico vendido nos mercados.

O aumento da captura de patudos juvenis em redes de cerco com retenida também contribuiu para a sobrepesca da população de patudo. Há, assim, menos patudos adultos disponíveis para a captura por pescadores que utilizam palangreiros. Enquanto o patudo adulto capturado e vendido pela frota de palangreiros para os mercados do sushi e do sashimi atinge um valor de cerca de 6000 dólares por tonelada nas docas, o patudo juvenil capturado e vendido pelas frotas de cercadoras para atum enlatado vale apenas cerca de 2000 dólares por tonelada.<sup>6</sup>

Neste ponto, restringir a captura de patudo juvenil pelas cercadoras iria provavelmente forçá-los a alterar as suas estratégias de pesca, resultando potencialmente em receitas de bonito inferiores. Portanto existe uma tensão entre a manutenção da atual abordagem à pesca do bonito e a conservação do patudo.

Desde que atingiram o valor máximo em 1994, os desembarques de patudo do Atlântico diminuíram, indicando que a população foi pescada até níveis abaixo dos capazes de gerar o rendimento máximo sustentável (RMS). O RMS refere-se à captura média maior que pode teoricamente ser obtida de uma unidade populacional sem ter impacto na estabilidade a longo prazo da população.

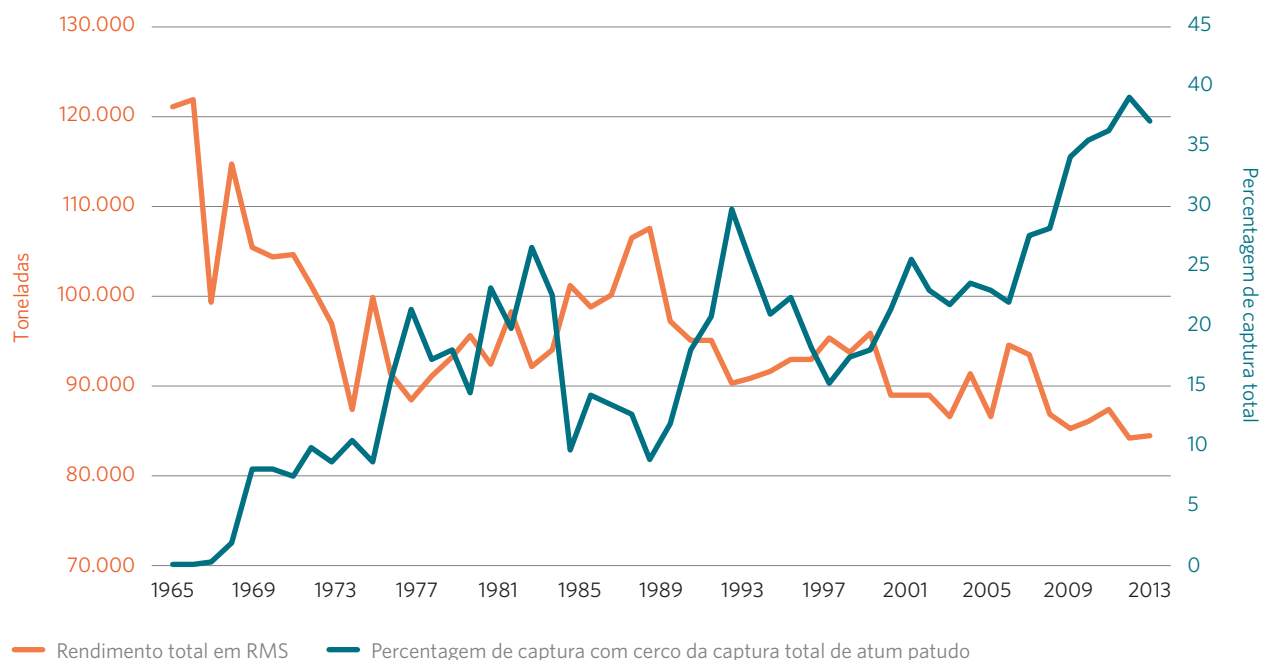
De facto, os cientistas confirmaram, em 2015, que a população está não só fortemente depauperada, mas também que a pressão da pesca permanece demasiado elevada para permitir que a unidade populacional cresça.<sup>7</sup> Além disso, a tendência para capturar patudos juvenis à volta dos DCP comprometeu a produtividade da população e a respetiva capacidade de crescimento. Especificamente, a captura sustentável potencial diminuiu, enquanto o número de peixes adultos necessários para suportar essa captura reduzida aumentou. (Ver Figura 1.) Esta combinação traz más notícias para a espécie, para o papel que esta desempenha no ecossistema e para as comunidades e economias costeiras que dependem do patudo do Atlântico.

Os operadores de pequena escala, como os pescadores da Madeira e dos Açores, continuam a pescar patudo do Atlântico com salto e vara, mas as suas capturas diminuíram significativamente. No entanto, hoje em dia cerca de três dúzias de países reportam a captura deste atum, o que torna a respetiva gestão, bem como o equilíbrio de interesses entre países e tipos de equipamento, um desafio significativo.

Figura 1

## O aumento do esforço de pesca com rede de cerco levou a menor produtividade da pesca de patudo do Atlântico, 1965-2014

A captura acidental de juvenis está a afetar o rendimento máximo sustentável



Nota: O RMS refere-se ao rendimento máximo sustentável, isto é, o rendimento ou captura média maior que pode teoricamente ser obtida de uma unidade populacional sem ter impacto na estabilidade a longo prazo da população.

Fonte: Comissão Internacional para a Conservação dos Tunídeos do Atlântico, "Task-I Web Statistical Database," acedido a 5 de março de 2018, <http://iccat.int/en/t1.asp>; Comissão Internacional para a Conservação dos Tunídeos do Atlântico, "Report for Biennial Period 2016-17, Part I 2017—Volume 2" (2018), [http://iccat.int/Documents/BienRep/REP\\_EN\\_16-17\\_II-2.pdf](http://iccat.int/Documents/BienRep/REP_EN_16-17_II-2.pdf)

© 2018 The Pew Charitable Trusts

## Gestão atual

Os governos e indústrias interessados no patudo e no bonito concordam que o patudo está com problemas e que é necessário tomar medidas. O debate gira em torno de quem irá pagar o preço dentro das pescarias. Uma vez que as decisões da CICTA são tomadas por consenso, os únicos acordos até ao momento têm consistido em pequenos cortes nas quotas e em testar medidas que sejam menos pesadas para os pescadores, passos que estão muito longe daquilo que a ciência indica ser necessário para dar à população uma hipótese forte de se reconstituir.

A avaliação da população de 2015 mostrou pela primeira vez que o patudo do Atlântico estava a ser alvo de sobrepesca e que essa sobrepesca continuava a ocorrer. A resposta da CICTA foi adotar um «plano de recuperação», que incluía uma quota reduzida, baseada essencialmente numa proposta da União Europeia. O plano dava ao patudo apenas 49 por cento de hipóteses de recuperação até 2028, partindo do princípio de que a quota não era ultrapassada. Estas probabilidades eram tão baixas que a análise de desempenho independente de 2016 questionou a decisão da CICTA de adotar um plano de recuperação com probabilidades de êxito tão reduzidas.

---

O limite total de captura da CICTA é de 65.000 toneladas, mas se cada pequeno coletor recente capturasse a quantidade que lhe é permitida, a captura ultrapassaria 160.000 toneladas, o que representa mais do dobro da quota e, apesar disso, é legal.

---

Para piorar as coisas, a medida adotada não limitou a captura total de patudo. Limitou a captura para os principais coletores—como o Japão e a UE—mas manteve exceções abertas para países considerados pequenos coletores. (Ver tabela 1.) Por exemplo, o limite de captura total estabelecido pela CICTA é de 65.000 toneladas, mas se cada pequeno coletor recente capturasse a quantidade que lhe é permitida, a captura ultrapassaria 160.000 toneladas. Isso é mais do que o dobro da quota, mas não deixa de ser legal tendo em conta a forma como a medida foi estruturada. A CICTA também não implementou qualquer medida para evitar que nações adicionais se juntem à pesca de patudo do Atlântico como pequenos coletores, o que poderia aumentar os desembarques. Nos últimos anos, várias nações, incluindo uma que não faz fronteira com o Atlântico, tornaram-se novos pequenos coletores, utilizando cercadores com rede de cerco com retenida para pescar bonito - e, acessoriamente, também patudo.

A cláusula para pequenos coletores transformou-se numa lacuna crítica na medida da CICTA, permitindo que a indústria ou os governos alterem a bandeira das suas embarcações para a de pequenos coletores novos ou já existentes. Isso permite aos pescadores expandir a captura para além da quota que lhes é atribuída e aumentar ainda mais a pressão sobre a unidade populacional. Embora a CICTA tivesse perfeito conhecimento desta prática quando adotou a medida de 2015, a limitação da entrada de pequenos coletores nesta pescaria depauperada é “uma falsa partida”.

A medida da CICTA incluiu algumas restrições positivas à utilização de DCP, tais como uma expansão da área incluída numa proibição anual de dois meses sobre a pesca com DCP e o estabelecimento de um limite do número de DCP ativos em cada embarcação para 500. Mas estas decisões não foram baseadas em recomendações científicas e é pouco provável que melhorem as probabilidades de recuperação. Por exemplo, análises preliminares efetuadas por cientistas da CICTA concluíram que a atual proibição de pesca com DCP é ineficaz, porque as frotas limitam-se a deslocar a sua atividade de pesca com DCP para águas adjacentes durante os períodos de defeso. Uma proposta da África do Sul e de sete cossignatários em 2017 procurou fazer face à mortalidade de patudos juvenis associada à pesca com DCP. Os membros da CICTA debateram possíveis medidas, mas não chegaram a consenso.





Fabien Forget

Patudo e Albacora nadam numa rede de cerco com retenida.

Tabela 1

## Interesses dominantes na pesca de patudo do Atlântico, 2018

O Japão e a UE em conjunto são responsáveis por mais de metade da quota

Detentor da quota	Percentagem da quota (2016-18)	Equipamento dominante
Japão	27,2%	Palangreiros
União Europeia	26,1%	Rede de cerco
Taiwan, Província da China	18,0%	Palangreiros
China	8,3%	Palangreiros
Gana	6,6%	Rede de cerco
Coreia do Sul	2,3%	Palangreiros
Filipinas	0,4%	Palangreiros
Pequenos coletores	11,1%	Misto

Fonte: Comissão Internacional para a Conservação dos Tunídeos do Atlântico, "Recommendation by ICCAT on a Multiannual Conservation and Management Program for Tropical Tunas" (2016), <http://iccat.int/Documents/Recs/compendiopdf-e/2016-01-e.pdf>

© 2018 The Pew Charitable Trusts

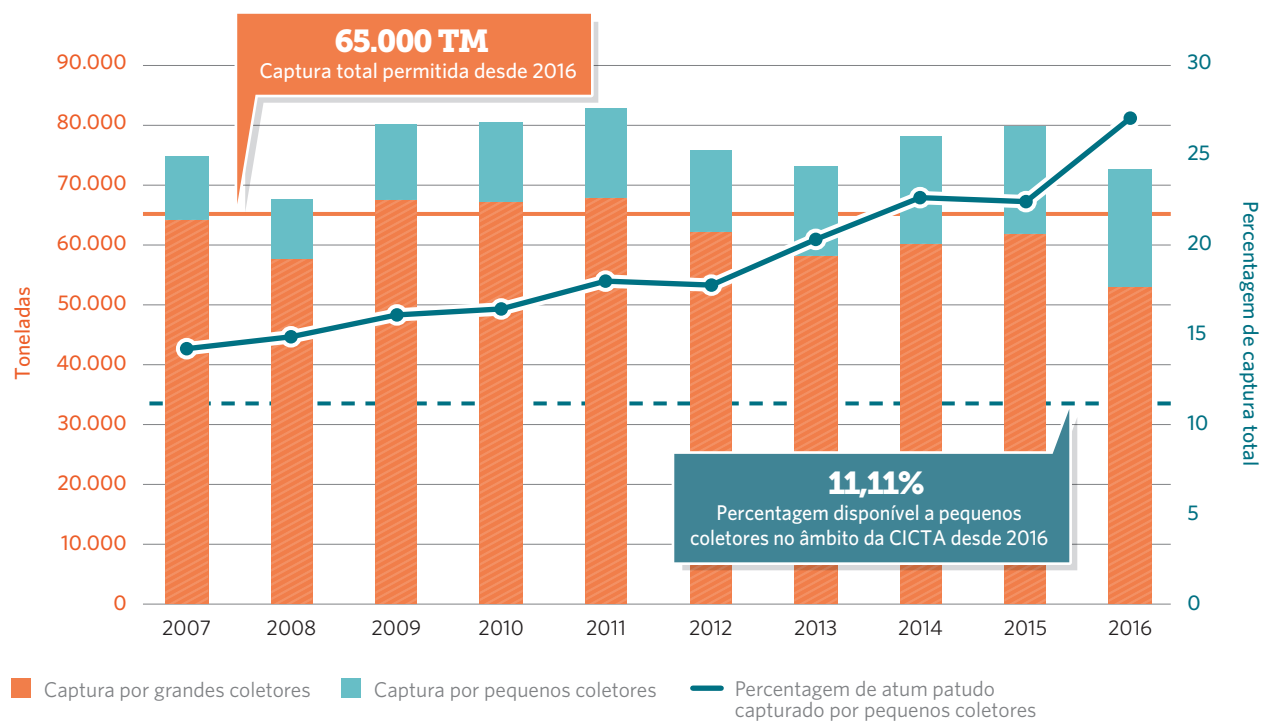
Não é surpreendente que a medida adotada em 2015 não tenha tido êxito. A captura agregada por pequenos coletores aproxima-se de 30 por cento do total. (Ver Figura 2.) Visto que apenas 11 por cento da captura total foi atribuída aos pequenos coletores, o agregado excedeu os limites adotados, o que conduziu a mais sobrepesca. Com níveis de captura total reportados em 2016 a 12 por cento acima da quota, a probabilidade de acabar com a sobrepesca e recuperar a população de patudo com êxito até 2028 ficou reduzida a cerca de 38 por cento.<sup>8</sup> Os totais de captura reais para 2016 e 2017 podem ser ainda mais elevados, reduzindo ainda mais as probabilidades de recuperação.

O excesso de captura reportado em 2016 desencadeou uma revisão obrigatória do plano de recuperação na reunião anual da CICTA em novembro de 2017. As partes acordaram teoricamente que eram necessários cortes das quotas, mas não conseguiram chegar a acordo sobre os países e setores de artes de pesca que seriam objeto das reduções, nem sobre a dimensão das mesmas. Assim, a medida anterior deficiente continua em vigor.

Figura 2

## Pequenos coletores responsáveis pelo aumento da captura de atum patudo do Atlântico, 2007-16

Sem controlos mais apertados, é provável que a quota de atum patudo continue a ser ultrapassada



Fonte: Comissão Internacional para a Conservação dos Tunídeos do Atlântico, "Task-I Web Statistical Database," acessado 5 de março de 2018, <http://iccat.int/en/t1.asp>

© 2018 The Pew Charitable Trusts

## São necessárias medidas mais vigorosas

Com uma nova avaliação da população este verão, está previsto que a CICTA adote em novembro um plano de recuperação revisto para o patudo do Atlântico. A questão é se a Comissão e alguns governos chave, como a UE, o Japão e a China, irão concordar com as reduções de captura baseadas na ciência que são necessárias para dar ao patudo uma alta probabilidade de recuperar para um nível saudável. Com as difíceis negociações de quotas para o rabilo do Atlântico concluídas no ano passado, existe uma oportunidade para abordar e nenhum fundamento para adiar a ação a tomar relativamente ao patudo este ano. Tal como aconteceu com o rabilo há uma década, a Comissão e os interessados nas pescarias irão enfrentar uma intensa pressão pública no sentido de tomarem as decisões necessárias, as quais podem exigir que todas as partes e todas as frotas suportem os custos, algumas mais do que outras.

Uma coisa é certa: Para ter êxito, o novo plano tem de incluir uma quota com uma probabilidade de sucesso muito maior do que a do plano atual, sem atrasar o prazo para a recuperação. Para ser eficaz, o plano deve incluir:

- Um sistema para assegurar que a captura total, tanto de grandes como de pequenos coletores, não ultrapassa a quota geral. Isso pode conseguir-se incluindo todas as nações pesqueiras num esquema de atribuição de quotas ou através de uma abordagem alternativa que assegure uma distribuição justa dos direitos de pesca.
- Pelo menos 70 por cento de possibilidade de acabar com a sobrepesca e de recuperar a população até 2028.
- Passos específicos para reduzir a captura de juvenis de patudo do Atlântico através da revisão da gestão de DCP, incluindo reduções do número de DCP utilizados e do esforço de pesca com rede de cerco com retenida permitido em cardumes de atum associados a DCP.
- O compromisso de desenvolver e implementar um procedimento de gestão para o patudo do Atlântico que exigiria um acordo prévio acerca da resposta de gestão a alterações no estado da população.

Para além dos passos urgentes necessários para ajudar a população de patudo do Atlântico a recuperar, a CICTA tem de continuar a passar do estabelecimento de quotas através de negociações tradicionais para um processo de assente em procedimentos de gestão pré-acordados ou estratégias de captura. Quando os decisores políticos implementam esses procedimentos, estabelecem uma visão de longo prazo para a pescaria.

Como se viu noutras pescarias, passar de uma gestão reativa para uma gestão pró-ativa é menos dispendioso, menos político e mais eficaz.<sup>9</sup> A CICTA considera as unidades populacionais de patudo do Atlântico, bem como as dos outros atuns tropicais, como prioritárias para o desenvolvimento desses procedimentos de gestão. Os decisores políticos devem manter o seu compromisso no sentido de implementar esta nova abordagem até 2020, mas não permitir que o processo seja utilizado como desculpa para adiar ações críticas este ano.

## Conclusão

Este ano é muito importante para a gestão do patudo do Atlântico na CICTA. Com a sua experiência com o rabilo do Atlântico, a CICTA aprendeu que as reduções de base científica da captura e da capacidade têm custos económicos de curto prazo, mas podem levar a uma reconstituição mais rápida e a um rendimento maior. No entanto, os decisores políticos têm de fazer a sua parte e a indústria tem de aceitar a sua porção dos custos, para dar à população uma hipótese viável de recuperação. O êxito significaria não só mais atum na água, mas também mais peixe para a pescaria. Também significaria que a CICTA reassumiu o compromisso de ser líder na gestão global das pescas, mesmo quando os tempos são difíceis.

## Notas Finais

- 1 Grantly Galland, Anthony Rogers, e Amanda Nickson, "Netting Billions: A Global Valuation of Tuna," The Pew Charitable Trusts (2016), <http://www.pewtrusts.org/tunavalue>.
- 2 Comissão Internacional para a Conservação dos Tunídeos do Atlântico, "Report of the 2nd Independent Performance Review of ICCAT" (2016), [http://iccat.int/Documents/Other/O-2nd\\_PERFORMANCE\\_REVIEW\\_TRI.pdf](http://iccat.int/Documents/Other/O-2nd_PERFORMANCE_REVIEW_TRI.pdf).
- 3 Comissão Internacional para a Conservação dos Tunídeos do Atlântico, "Report of the Independent Performance Review of ICCAT" (2009), [http://iccat.int/Documents/Other/PERFORM\\_%20REV\\_TRI\\_LINGUAL.pdf](http://iccat.int/Documents/Other/PERFORM_%20REV_TRI_LINGUAL.pdf).
- 4 Comissão Internacional para a Conservação dos Tunídeos do Atlântico, "Task-I Web Statistical Database," accessed March 5, 2018, <http://iccat.int/en/t1.asp>.
- 5 Ibid.
- 6 Graeme Macfadyen, "Estimate of the Global Sales Values from Tuna Fisheries—Phase 3 Report," Poseidon Aquatic Resource Management Ltd. para The Pew Charitable Trusts (2016), <http://www.pewtrusts.org/-/media/assets/2016/05/estimate-of-global-sales-values-from-tuna-fisheries--phase-3.pdf>.
- 7 Comissão Internacional para a Conservação dos Tunídeos do Atlântico, "Report for Biennial Period, 2014-15, Part II (2015)—Vol. 2" (2015), [http://iccat.int/Documents/BienRep/REP\\_EN\\_14-15\\_II-2.pdf](http://iccat.int/Documents/BienRep/REP_EN_14-15_II-2.pdf).
- 8 Comissão Internacional para a Conservação dos Tunídeos do Atlântico, "Report for Biennial Period, 2016-17, Part II (2017)—Vol. 2 - SCRS," (2018), [http://iccat.int/Documents/BienRep/REP\\_EN\\_16-17\\_II-2.pdf](http://iccat.int/Documents/BienRep/REP_EN_16-17_II-2.pdf).
- 9 The Pew Charitable Trusts, "Case Studies of Harvest Strategies in Global Fisheries" (2016), <http://www.pewtrusts.org/en/research-and-analysis/issue-briefs/2016/09/case-studies-of-harvest-strategies-in-global-fisheries>.

---

## Para mais informações, visite:

[pewtrusts.org/tuna](http://pewtrusts.org/tuna)

---

**Contacto:** Leah Weiser, responsável de comunicações

**E-mail:** [lweiser@pewtrusts.org](mailto:lweiser@pewtrusts.org)

**Website do projeto:** [pewtrusts.org/tuna](http://pewtrusts.org/tuna)

---

**A The Pew Charitable Trusts** é impulsionada pela utilização do conhecimento na resolução dos problemas mais desafiadores. A Pew aplica uma abordagem rigorosa e analítica para melhorar as políticas públicas, informar o público e revigorar a vida cívica.